

Este número, com o qual caminhamos para o segundo ano de vida, traz algumas questões importantes.

Em primeiro lugar a questão da existência. Existir compreende dar significados pessoais projetando-se continuamente no futuro. Nossa publicação tem procurado dar a si própria um significado, o significado de pensar a Psiquiatria da Infância dentro do campo médico, embora com complexas relações com outras áreas do conhecimento humano.

Esse significado tem seduzido muitas pessoas interessadas na saúde mental infantil. Tantas que, pela primeira vez, iniciamos um Conselho Editorial Internacional que, acreditamos, enriquecerá sobremaneira esta revista.

O projetar-se no futuro é mais complexo.

Acreditamos que a Psiquiatria Infantil brasileira ainda engatinha. Entretanto, para crescer de forma vigorosa e saudável terá que, obrigatoriamente, criar um pensamento próprio, autóctone, embasado em nossa própria realidade. Esse é o projeto da "Infância". Ser um fórum de experiências e conhecimentos para que um dia, quem sabe, possamos ter um perfil do Psiquiatra da Infância brasileiro alicerçado em critérios de formação e carreira específicos.

Muito tempo deve se passar até que esse projeto se cumpra.

Cabe lembrar que em 1977, há quase 20 anos, Kryuski já dizia, falando do curso feito com G. Heuyer em 1945:

"fazendo-me desistir de ser mais um professor de Psiquiatria, para insistir na trilha, naquele tempo praticamente inexistente, da Psiquiatria Infantil brasileira".

Todos esse anos se passaram e a trilha, embora delineada, continua difícil, mal-traçada e, porque não dizer, sob o ponto de vista institucional, ainda inexistente.

Não temos critérios de formação mínimos para o Psiquiatra Infantil; não possuímos locais específicos de trabalho, uma vez que a seleção de médicos psiquiatras em cargos públicos não considera a sua especificidade e, finalmente, ainda não temos carreira acadêmica específica.

Como pensar então nossa especialidade?

Como dizia o poeta:

"How many roads must a man walk down

Before you call him a man?

The answer my friend, is blowin' in the wind".

As respostas estão, exatamente, sendo sopradas ao vento e o nosso projeto é captá-las, somá-las, ampliá-las para que um dia possamos passar para a geração seguinte, um caminho delineado e estruturado.

Somos todos caminhantes na estrada começada por outros e que continuará muito tempo após nosso corpo cansado ter parado.

Entretanto, é mister ir adiante, da maneira como cantava Antonio Machado:

"Caminhante não há caminho.

Faz-se o caminho ao andar.

Ao andar faz-se o caminho

E ao voltar a vista atrás

Se vê a estrada

Que nunca se voltará a pisar."

Francisco B. Assumpção Jr.